

Mensagem 6

Alívio do sofrimento na vivência do Cristão

Analisar a perspectiva cristã sobre o sofrimento humano nas suas diversas formas (física, psíquica e espiritual) torna-se num imperativo atual, pertinente e de interesse multidisciplinar, apesar da complexidade e da controvérsia associada ao tema. Questões sobre a base e o sentido do sofrimento que atinge a Humanidade, ou ainda sobre a razão pela qual continua a existir dor e aflição, depois de Jesus ter morrido e ressuscitado para garantir a salvação do Homem, têm acompanhado toda a nossa existência, perpassando séculos e desafiando filosofias clássicas e modernas.

Do princípio ao fim da nossa peregrinação por esta Terra, a experiência do sofrimento acompanha-nos e vai delimitando o seu lugar na nossa vida, nas mais diversas circunstâncias e sob as mais variadas formas. É praticamente impossível, ao longo da nossa existência, que não tenhamos algum problema de saúde, que não soframos algum acidente, que nunca tenhamos um desgosto amoroso ou, por exemplo, que não assistamos à morte de um ente querido. Para além dessas prováveis experiências, sabe-se que o simples facto de se antever sofrer no futuro ou a memória deprimente de se ter sofrido no passado podem igualmente ser motivos de infelicidade.

Ainda que aceitemos que o sofrimento faz parte da condição humana, não podemos deixar de reconhecer que o mesmo pode causar perturbação e opressão; gerar instabilidade, incompreensão e revolta; ferir o ser humano; e pôr em causa a sua identidade e integridade. “A situação complica-se na nossa sociedade porque esta nos convenceu de que todos teríamos de ser felizes. Ainda que ninguém nos garanta o direito à felicidade, são muitas as instâncias que nos bombardeiam com a publicidade de que a satisfação está ao alcance de todos, imediatamente, e com um esforço mínimo” (Roberto Badenas, *Enfrentar a Dor*, pp. 27 e 28, Ed. PSeVir). Contudo, a realidade nem sempre se compadece dos nossos desejos.

Perante este facto incontornável, o que muitas vezes nos inquieta é saber como, quando e onde encontrar estratégias para enfrentar o sofrimento com realismo e dignidade, ultrapassando as marcas que nos imprime, e encontrando alívio.

Para uma melhor compreensão do tema importa que exploremos (ainda que amiúde, porque a economia deste artigo mais não nos permite) o conceito do sofrimento e o sentido que a Bíblia lhe atribui.

De forma resumida, podemos explicar o sofrimento a partir de duas perspetivas que, apesar de autónomas, não se excluem: a subjetiva e a objetiva. Subjetivamente, o sofrimento é uma experiência pessoal que muitas vezes só é conhecida através da comunicação daquele que sofre. É, frequentemente, um sinal de alarme, indicador de que algo não está a funcionar bem no organismo. Objetivamente é uma realidade que exige ser bem-tratada e levada a sério, uma vez que se revela de uma forma explícita.

O sofrimento não escolhe idade, sexo ou etnia, nem tão pouco orientação política ou religiosa dos indivíduos que sofrem, uma vez que transcende as características e as circunstâncias pessoais dos seus protagonistas.

A Bíblia está recheada de narrativas que nos dão conta de pessoas que experimentaram o sofrimento na sua vida. Eva, Job, Sansão, Elias, José, David, Daniel, Ester, Rute, a mulher com o fluxo de sangue, Paulo ou Estêvão são apenas alguns exemplos. As suas experiências são testemunhos revigorantes e ajudam-nos a compreender o sofrimento a partir das aprendizagens de quem se sentiu perdido, numa primeira fase, e consolado, após a receção do conforto divino. Por outro lado, os seus testemunhos ajudam-nos ainda a discernir a diferença entre procurar Deus ou revoltar-se contra Ele nos momentos mais difíceis da existência humana, equacionando qual pode ser o papel da fé neste domínio.

Sendo a fé o vínculo de ligação entre o humano e o divino, e havendo diferentes entendimentos e vivências do que esta pode representar na vida dos indivíduos, é natural que existam limitações quanto à sua integração em momentos de sofrimento; ainda assim, diversos estudiosos afirmam que “é no sofrimento que o Homem toma conhecimento do que Deus é e do que ele próprio é chamado a ser: amor. Trata-se de uma equação que pode ser sintetizada com esta formulação: ‘quanto mais se sofre, mais se ama’ (Job 13:15) ‘e quanto mais se ama, mais perto se está de Deus, que é amor’ (I João: 4:8, 16)” (João Teixeira, “Terá sentido sofrer” in *Communio, Revista Internacional Católica*, Ano XX, Nº 6, 2003, p. 557).

Na obra *Enfrentar a Dor*, Roberto Badenas sublinha a ideia de que não é aquilo que nos acontece que tem mais impor-

tância, mas sim a nossa maneira de reagir; logo, se enfrentarmos uma situação dolorosa com fé e segurança na presença divina, a mesma pode converter-se numa oportunidade de crescimento pessoal.

Em suma, poderíamos afirmar que é possível encontrar vislumbres de esperança aquando do sofrimento; e estes passam não só pela integração da fé na nossa caminhada, mas também pela adoção de atitudes positivas, por dar atenção aos sinais de alerta, aprender a (con)viver com o sofrimento e buscar a serenidade espiritual (através da leitura da Bíblia, da meditação e da oração), na certeza de que a resposta a este problema assenta na promessa do triunfo definitivo do Bem no porvir, e, por ora, se fundamenta na presença e no cuidado de Deus que nos garante que tem poder para nos livrar de todas as aflições (Salmo 34:19).

Felizmente, enquanto peregrinarem nesta Terra, os indivíduos não se encontrarão sozinhos. Graças a homens e mulheres sensíveis e obedientes à influência do Espírito Santo, têm surgido, em diferentes épocas e ao longo do tempo, muitas pessoas e iniciativas visando promover o alívio do sofrimento: hospitais, clínicas, lares, centros de acolhimento, instituições de beneficência, associações de apoio à família ou ainda núcleos locais de apoio social. Falamos de iniciativas que deram provas de sincera preocupação pelo ser humano por parte de uma Igreja animada pela mensagem evangélica e pelo testemunho de Jesus Cristo, que sempre se preocupou com o alívio do sofrimento humano. Basta recordar as Suas animadoras palavras, em Mateus 11:28: “Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.”

Olhando para o convite de Jesus, a Humanidade é estimulada a aceitar Cristo como fonte de conforto nas suas provações e como fonte certa de esperança nos momentos de sofrimento e de vulnerabilidade.

Se mesmo em momentos de dor é possível não nos sentirmos abandonados, devemos, como Cristãos, buscar alívio na contemplação da Cruz – que nos dá garantias de que Deus sofre com o Seu Filho e com cada um de nós. Tenhamos esperança na bendita promessa que nos leva a ansiar por aquele lugar onde não existirá mais tristeza, nem choro ou dor (Apocalipse 21:4).

CÁRMEN MACIEL

DIRETORA-ADJUNTA DA ADRA PORTUGAL; DIRETORA DA OFICINA DE TALENTOS

Refletir e Partilhar

1. Qual é a pertinência de analisar a temática do sofrimento nos dias que correm?
2. A Bíblia está recheada de narrativas que nos dão conta de pessoas que experimentaram o sofrimento na sua vida. Que lições podemos retirar da leitura dessas narrativas?
3. O que podemos fazer para encontrar alívio para o sofrimento?